ENSINO A DISTÂNCIA FRENTE À PANDEMIA COVID-19

DISTANCE TEACHING IN FRONT OF THE PANDEMIC COVID-19

Edma Barcellos Lima³

Simone Cândida Paiva⁴

Joana Corrêa Goulart⁵

RESUMO

O Covid-19 alastrou-se rapidamente pelo mundo em 2020 e provocou a inédita condição de 90% da população estudantil isolar em todo o mundo. Neste trabalho evidencia que o ensino a distância veio desenvolver ações de educação remota emergencial e dar um suporte em diferentes níveis educacionais. Onde identificamos os pós e contras, discutiremos sobre esta manutenção tanto para os estudos como também se fortaleceu as práticas pedagógicas diante a dificuldades dos pais, alunos, professores, grupo gestor e as políticas públicas.

Palavras-chave: Covid-19; Desafios; Educação à distância; Família.

ABSTRACT

Covid-19 spread quickly around the world in 2020 and caused the unprecedented condition of 90% of the student population to isolate worldwide. This work shows that distance learning has come to develop emergency remote education actions and provide support at different educational levels. Where we identify the powders and cons, we will discuss this maintenance for both studies and the pedagogical practices have also been strengthened in the face of the difficulties of parents, students, teachers, management group and public policies.

Key-words: Covid-19; Challenges; Distance education; Family.

INTRODUÇÃO

Em todo o país diante à suspensão das atividades escolares consequência da pandemia do Covid-19 a educação se viu do dia pra noite em uma situação de incertezas de quando iriam voltar, se aulas à distância seria a saída para a problemática surgida tão repentinamente.

Adaptação frente à nova realidade de ensinar à distância foi uma medida para reprimir a propagação do vírus e não foi de maneira planejada pois tudo aconteceu inesperadamente.

Nestas circunstâncias inusitadas do isolamento social veremos que o objetivo principal é analisar como a família e as escolas se viram também a meio ao desafio tão grande de criar um modelo pedagógico quanto o combate em si ao coronavírus. Diante de escolas fechadas por tempo indeterminado, gestores e autoridades enfrentam dificuldades de ajustar e solucionar o

3 Edma Barcellos Lima. Mestranda em Ciências da Educação na Fics Paraguai, graduada em História e Pedagogia. Especialista em psicopedagogia na Universidade Estadual de Quirinópolis e Neuropedagogia no Instituto Consciência.

4 Simone Cândida Paiva. Mestranda em Ciências da Educação na Fics Paraguai, graduada em História e Pedagogia. Especialista em Psicopedagogia pela UNIFAN – Universidade Alfredo Nasser.

5 Joana Corrêa Goulart. Doutora em Educação Escolar pela UNESP-Araraquara e mestre em Educação pela PUC-Goiás.

meio estudantil a novas aprendizagens pedagógicas, onde num território marcado de desigualdades econômicas, sociais e culturais possam ter o mesmo acesso aos conteúdos das disciplinas.

Onde também para os professores, uma prova desafiadora, pois os recursos tecnológicos eram suporte para enriquecer as aulas e de repente é a principal ferramenta agora para enriquecer suas atividades escolares, uma estratégia para as práticas pedagógicas essencial para possibilitar aos seus alunos um ensino a altura até que se passe essa pandemia.

Plano este que reduz de uma forma ou de outra os efeitos negativos deste distanciamento, mas vale destacar que diversos tropeços serão criados diante da falta de interação presencial dos alunos fundamental para alcançar resultados satisfatórios.

A razão pela qual desde trabalho é o atual momento que estamos vivendo diante a uma pandemia que estamos enfrentando, reorganizando e assim que possamos tirar proveito mais tarde de assegurar uma educação de mais qualidade com aprendizagem para todos as nossas crianças e jovens.

Esta experiência para leva-nos a afirmar que temos uma oportunidade para refletirmos e trazermos para a escola pública e para a sua comunidade o debate sobre as mudanças da forma escolar, sem abrirmos mão do princípio segundo o qual a educação escolar é uma relação humana mediada pelo conhecimento e só realizada plenamente quando de forma presencial, num diálogo cara a cara: educandos e educadores em diálogo em mesmo ambiente físico – no prédio escolar ou em atividades planejadas fora dele (KRUPPA et al, 2020).

REEDUC
REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO

Diante destas mudanças este trabalho tem a intenção de trazer conhecimento sobre este cenário através de uma visão teórica e também uma análise sobre diversos autores, assim fazendo uma reflexão e discursão da dimensão que este período traz como desafio tanto para pais, alunos, professores, grupo gestor e também para as políticas públicas diante da educação à distância.

1 ESCOLA EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS: O DESAFIO DE MUDAR DO ENSINO PRESENCIAL PARA O ENSINO À DISTÂNCIA

Diante do fato o Brasil e o mundo vive, de acordo com Machado (2020) o nosso Sistema Educacional também precisou se adaptar e o Mec. através da portaria nº 343, de 17 de março de 2020, autorizou instituições de ensino a substituírem suas aulas presenciais por meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus.

No dia 28 de abril, o Conselho Nacional de Educação (CNE) enviou ao Ministério da Educação (MEC) uma resolução com diretrizes referentes ao período de suspensão do ensino presencial e à volta às aulas no contexto da pandemia. Abordando temas como os apontados

nas notas técnicas do Todos Pela Educação, o documento criado pelo CNE fala de diversidade de atividades no ensino remoto, ações de acolhimento e **avaliações diagnósticas** no retorno às aulas presenciais. O texto foi aprovado pelo MEC no dia 1º de junho com a suspensão do trecho que se refere às avaliações, que deve ser reexaminado pelo conselho (Todos pela educação, 2020).

Segundo Ricci e Vieira (2020) esta paralisação compulsória trouxe, inevitavelmente, ao centro do debate educacional, o uso das tecnologias educacionais para realização de atividades escolares não presenciais. É importante frisar, logo nesse primeiro momento, que a disponibilização de ferramentas online para a realização de atividades não presenciais distancia-se do conceito de Educação a Distância (EAD). Contudo, diante da situação emergencial, Governos Estaduais e Municipais, prescindindo da estrutura necessária para a prática de EAD, depararam-se com a necessidade de concentrar esforços na preparação dos professores para o desenvolvimento de situações de aprendizagem remota, que, em geral, estão sendo mediadas pelo uso das tecnologias. Diante disso, foi demandada, por parte dos docentes, a capacidade de experimentar, inovar, sistematizar esse conhecimento e avaliar o processo de aprendizagem de seus alunos, fazendo o melhor uso possível dessas ferramentas, cujo uso, para muitos, era até então desconhecido.

Professores que tinham pouco ou nenhum contato com tecnologia precisaram começar a planejar aulas mediadas por telas junto a seus coordenadores pedagógicos, ao mesmo tempo em que descobrem sobre o funcionamento de ferramentas tecnológicas. Com aulas online, surgiram novos desafios que não eram comuns nos encontros presenciais como problemas de conexão e engajamento dos alunos à distância (GIFE, 2020).

Também para Kruppa et al. (2020) a COVID-19 impõe aos profissionais das escolas básicas e da universidade a efetivação do diálogo. O currículo da educação escolar ou universitária na pandemia só pode se efetivar, neste momento, se feito a partir da realidade dos estudantes e de suas famílias, ficando inviável o seu direcionamento a partir das equipes educacionais, sejam elas de qualquer nível. Partir da realidade dos estudantes é procedimento defendido por algumas teorias educacionais, situação que a Pandemia torna inevitável. Esta condição pode mudar a forma escolar e, para tanto, a comunicação e as reuniões virtuais podem ser aliadas.

As ferramentas de comunicação em meio digital são muitas, e cada escola adotou estratégias de acordo com seus objetivos educacionais. Dentre os meios que estão sendo mais

utilizados estão, Google Classroom, o aplicativo “Zoom”, “Youtube”, grupos de “Wattsap”, dentre outros (MACHADO, 2020).

Na pesquisa que aqui ainda Machado (2020) descreve que tem escolas que também optaram por distribuir materiais impressos das atividades, com cronograma das tarefas diárias. “A ideia de distribuir material impresso foi pensada para atender aos alunos e responsáveis que não tem familiaridade com a “internet”. Uma forma que encontramos de facilitar o ensino e deixá-lo mais acessível.” (Andréia Portela, pedagoga de escola de ensino fundamental).

Diante desse contexto, o presente esforço busca recorrer aos dados e evidências existentes para iluminar os desafios e limitações do ensino remoto e, também, as estratégias que são mais adequadas ao se optar por lançar mão dessa alternativa. A abordagem propositiva que aqui se caracteriza parte de uma importante premissa: frente a um cenário sem precedentes e que tem exigido do poder público educacional tomadas de decisões rápidas sobre questões inéditas e altamente complexas, produções analíticas ganham maior aderência e utilidade na medida em que reconhecem o momento de excepcionalidade. Nessa linha, busca-se evitar, por exemplo, uma leitura “fria” das pesquisas sobre ensino a distância, que, em geral, se concentram em comparar “aulas a distância” com “aulas presenciais” (enquanto, no cenário atual, a questão é, fundamentalmente, uma discussão entre “aulas a distância” e “não realização de aulas”). Em sentido similar, as experiências de países que interromperam o funcionamento de escolas por longos períodos devido a situações de guerra, crises de refugiados, desastres naturais e epidemias mostram que a escolha do poder público em nada fazer, sob o argumento de que não é possível chegar em todos, tende a exacerbar as desigualdades resultantes da situação de emergência (Todos pela educação, 2020).

Recorrendo Todos Pela Educação (2020) [...] sobre equidade, outra preocupação na mudança do ensino presencial para totalmente a distância é o aprofundamento das desigualdades de aprendizagem por conta dos conhecimentos e competências já desenvolvidos até então pelos alunos. Por mais que existam experiências bem-sucedidas de soluções tecnológicas que beneficiam, em maior grau, os alunos de baixo desempenho acadêmico, contribuindo para reduzir as disparidades educacionais, elas invariavelmente são implementadas como suplementar ao ensino presencial (como atividades de reforço, por exemplo). Já quanto ao ensino totalmente online, as experiências mostram que ele tende a ser mais efetivo para aqueles estudantes que já possuem um desempenho mais alto, gerando riscos de acentuação da já elevada desigualdade de aprendizado entre os alunos brasileiros.

Portanto, considerando as disparidades no acesso à internet e aos equipamentos tecnológicos e as diferenças já existentes nos níveis de aprendizado dos alunos, as estratégias do poder público devem lançar mão de ações que intencionalmente busquem reduzir, ao máximo, o risco de ampliação das desigualdades educacionais. Elevar emergencialmente o acesso das famílias mais pobres aos recursos tecnológicos e adotar, em caráter adicional, medidas de ensino a distância que não exigem uso da tecnologia (como o envio de livros e materiais impressos e orientações às famílias para estímulo das crianças e jovens) devem ser considerados. Os alunos de nível socioeconômico mais baixo, que já deveriam receber maior foco da política educacional em situações normais, devem ganhar atenção ainda mais especial neste momento de crise.

De acordo com pesquisa Pécora, (2020) embora o uso menos frequente do computador seja tendência mundial, o Brasil tem porcentagens especialmente altas de uso do celular: trata-se do principal dispositivo de acesso à internet para 95% dos jovens brasileiros, e do único dispositivo de acesso para 58%. O uso exclusivo do celular varia de acordo com a classe social: é o caso de 25% dos jovens de classe A e B, mas sobe para 59% na classe C e para 73% nos casos das classes D e E.

Os dados foram coletados antes da pandemia do novo coronavírus (COVID-19), mas ajudam a dar uma ideia do quão desigual é o cenário brasileiro. Para além da questão do tipo de dispositivo, há que se considerar, por exemplo, que 4,8 milhões de jovens vivem em domicílios que não estão conectados à internet. Em tempos de isolamento social, escolas fechadas e aulas remotas, esta impossibilidade de acesso em casa torna-se fator determinante, bem como a qualidade da conexão (PÉCORA, 2020).

Em outras situações, a dificuldade de acesso à internet e de fazer com que alunos tenham que criar usuário e senha de uma hora para outra até ter acesso a plataformas mais robustas, próprias para gestão de aprendizagem, faz com que educadores prefiram adotar o WhatsApp como ferramenta para organizar turmas e distribuir conteúdos (OLIVEIRA, 2020).

Entre os recursos adotados estão vídeos do YouTube, vídeos gravados pelo próprio professor e áudios explicativos. Após resolver a atividade no caderno, o aluno manda uma foto para o professor, que devolve com a correção e comentários avaliativos. Se na sala de aula tem sempre alguém que se intimida em levantar a mão para tirar dúvidas, na aula remota por WhatsApp quem prefere não se expor manda as perguntas diretamente para o professor. “A orientação da secretaria neste primeiro momento para nos preocuparmos mais com a aprendizagem do que com o conteúdo. Só quando retornamos às aulas presenciais é que vamos aplicar simulados e avaliações”, disse a professora e coordenadora (OLIVEIRA, 2020) .

Por mais que este meio facilite a comunicação entre o professor e aluno não vai resolver dificuldades das aulas não presenciais, pois pode estar ainda mais prejudicando, aumentando as barreiras e desigualdades.

2 ENSINO À DISTÂNCIA É A SOLUÇÃO?

Em todo o mundo, 9 em cada 10 estudantes estão temporariamente fora da escola em resposta à pandemia do novo **coronavírus**, segundo dados da **Organização das Nações Unidas (ONU)**. No Brasil, muitas redes de ensino já suspenderam as aulas e estão lançando mão de soluções de recursos digitais de aprendizagem, inspiradas na modalidade **Educação a Distância (EaD)**. Mas estratégias de ensino remoto, por mais importantes que sejam no atual contexto, têm limitações e não atendem a todas as crianças e jovens brasileiros da mesma maneira, como aponta a nota técnica “Ensino a distância na Educação Básica frente à pandemia da Covid-19” (**Todos Pela Educação, 2020**).

Segundo Todos pela educação (2020) as plataformas de aulas online - com vídeos, apresentações e materiais de leitura - não devem ser vistas como o único meio de ofertar ensino remoto. É possível e fundamental diversificar as experiências de aprendizagem dos estudantes. A diversidade de suportes e métodos pode apoiar a criação de uma rotina positiva para as crianças e os jovens, garantindo alguma estabilidade frente ao cenário de tantas mudanças. **REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO**

De acordo com Mandelli (2020) ao forçar o aprendizado mediado pelas telas, o novo contexto pode ser também uma oportunidade para refletirmos de forma mais intencional sobre a cultura digital. Formar os jovens para o uso crítico, consciente e proativo da informação e da comunicação na sociedade conectada é obrigatório segundo a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o que não deixa de ser um diagnóstico de que existem questões relativas ao mundo digital que precisam ser tratadas urgentemente com os jovens. Autoimagem, privacidade, exposição, função e poder da comunicação, o mundo das influências e influenciadores digitais são só algumas delas.

O ambiente educativo, do ponto de vista de Mandelli (2020) é um dos mais adequados para discutir tudo isso porque permite tratar desses temas coletivamente, extraíndo reflexões e acordos, e também favorecendo o uso produtivo e fortalecedor dos dispositivos, em espaços e horários combinados. É urgente promover o consumo consciente da tecnologia, entendendo como ela age sobre nós, que ideologias estão implícitas em sua construção, que partes do seu design são problemáticas, como os algoritmos nos impactam.

Não pode se deixar de falar do reconhecimento que mesmo com o ensino a distância deve-se o papel do professor nesta modalidade que assegura uma experiência do educando separadamente ou não do mesmo, pois diante deste cenário vivido atualmente pelo impacto da Covid-19 o apoio do profissional é a medida definitivamente essencial para o aprendizado.

Sem dúvida nenhuma é de extrema importância o professor ter ciência de suas funções enquanto mediador do ensino e alfabetizador; assim diante de muitos desafios do papel educador este trabalho se propõe a explicar sobre as práticas pedagógicas, sua necessidade e relevância dentro do processo ensino aprendizagem; abrangendo sobre as principais tendências e concepções a fim de proporcionar aos educadores reflexões quanto suas práticas diárias em sala de aula. Mesmo porque o professor em sua função educadora deve propiciar a seus alunos uma aprendizagem pautada na evolução constante e gradativa, além de valorizar suas experiências e conhecimentos advindos de suas vivências, tornando o aprendizado um fenômeno emancipador, significativo onde o aluno passe de mero receptor de conhecimentos e se torne um ser ativo na construção de seu próprio saber (PALÁCIO, 2020).

Para Fabris (2020) outra preocupação está em como pensar na docência em tempos de pandemia, em que os docentes e alunos estabelecem outros vínculos de aproximação e as diferenças e desigualdades são cada vez mais latentes, mostrando as diferenças de acesso ao conhecimento e a outros bens necessários para a sobrevivência. Como conceber a docência em outras perspectivas, além dos modelos de padronização e controle? Ou: como pensar na docência para aqueles que têm menos acesso à internet e aos meios digitais?

A pandemia está aumentando a velocidade de uso de tecnologias, implicando em maior transformação digital, mesmo que por imposição e não por opção de mudança. Temos que tomar alguns cuidados com essas mudanças, e principalmente, com as soluções tecnológicas adotadas, que podem ser importantes e interessantes para o momento, mas podem ser devastadoras se não forem bem dosadas no futuro (E. SCHNEIDER e A. SCHNEIDER, 2020).

Segundo Todos Pela Educação (2020) ainda assim, as pesquisas mais recentes evidenciam que não se trata de alternativa equivalente: atividades remotas, e até mesmo atividades mais estruturadas na modalidade Educação a Distância (EaD), têm suas limitações e, com efeito, não conseguirão substituir a experiência escolar presencial, em particular, quando aplicadas em escala na Educação Básica. A literatura baseada em evidências mostra que alunos que têm atividades totalmente a distância aprendem menos do que aqueles com a vivência presencial nas escolas, mesmo levando em conta outros fatores que poderiam afetar o desempenho acadêmico. E, mesmo quando o ensino não é totalmente a distância, as evidências

ainda são mistas quanto aos efeitos das tecnologias educacionais na aprendizagem dos alunos, além de apontarem que muitas tendem a ser pouco custo-efetivas.

Por conseqüência a adaptação ainda acontece e como validar estas aulas é ainda a questão que está sendo discutida.

Por fim, um alerta importante no que tange à priorização dos esforços por parte do poder público nas próximas semanas e meses: por mais que a adoção do ensino remoto possa contribuir para reduzir o impacto do fechamento de escolas na formação dos alunos, é fundamental que as redes de ensino não demorem a planejar estratégias eficazes para lidar com a volta às aulas. Em outras palavras, uma resposta em escala e à altura dos desafios que surgirão só poderá ser dada com um robusto conjunto de ações pós-período de fechamento das escolas. Conforme a experiência de países que sofreram com longos períodos de suspensão de aulas demonstra, tais estratégias precisarão contemplar novas e excepcionais demandas, como o acolhimento emocional dos alunos e profissionais da Educação, a comunicação reforçada com as escolas e as famílias, um acompanhamento mais próximo dos estudantes com maior propensão ao abandono ou evasão, avaliações diagnósticas acompanhadas de amplos programas de recuperação escolar e ações de formação e apoio aos professores em múltiplas dimensões (Todos pela educação, 2020).

3 A FAMÍLIA COMO ALIADA DOS ESTUDANTES

Da mesma forma, o envolvimento da família também é relevante neste período de aprendizagem a distância - importante aliado durante a crise e pode deixar um legado no pós-pandemia (Todos pela educação, 2020).

A rotina das famílias brasileiras fora mudada completamente desde o início do isolamento, crianças agora estão todas em casa enquanto seus responsáveis se vêem em frente às afazeres da casa, vida profissional, preocupação com todos da família sobre saúde.

A conexão com o ambiente digital passa a ser um recurso importante para garantir a uma porcentagem das famílias a socialização com os amigos e o restante dos familiares, ter cultura e também agora passa a ser uma ferramenta desafiadora para o aprendizado do filho que antes muitas pessoas avaliavam que o uso das tecnologias com apenas um critério: o tempo de tela.

No entanto, pesquisadores e especialistas, bem como as recomendações de organizações como sociedades de pediatras, UNICEF e Organização Mundial da Saúde defendem que em uma relação saudável com o ambiente digital deve prevalecer boas experiências e o respeito à privacidade e a capacidade de desconectar das crianças. É fundamental reconhecer que isso requer ações sistêmicas de diversos setores: da sociedade, do governo, das empresas, das plataformas e toda a indústria da tecnologia (INSTITUTO ALANA, 2020).

Quando as famílias fazem o uso das tecnologias com experimento partilhado criam pessoas que não são capazes de desfrutar com percepção aguçada e não sabem lidar com as ameaças do próprio sistema.

O equilíbrio digital é importante, mesmo durante a quarentena. A Organização Mundial da Saúde estabelece como diretriz que as experiências digitais não podem competir com nenhuma atividade essencial ao desenvolvimento pleno da infância: alimentação, sono, movimento e interação humana. Devemos nos atentar para garantir a vivência das atividades essenciais em equilíbrio com a experiência digital. A ideia é planejar este equilíbrio ao longo do dia e das semanas. Desse modo, encontre tempo para as crianças ficarem fora das telas, interajam com as pessoas próximas, brinquem livremente e estejam com o corpo e imaginação ativos, comam e durmam bem. Lembre-se que as crianças precisam de você para estabelecer uma rotina equilibrada e gradualmente desenvolverem a capacidade de se autorregular no ambiente digital. Nesse sentido conversar sobre como se sentem após longos períodos nas telas é fundamental. Quanto mais as crianças prestarem atenção a como se sentem, física e emocionalmente, mais serão capazes de avançarem, na prática, nos processos de autonomia (INSTITUTO ALANA, 2020).

A disciplina digital é fundamental para qualquer idade, pois contribui para bons resultados, pois para Castells (2015) um país educado com internet progride. Um país sem educação utiliza a internet para fazer “estupidez”. Isso a internet não pode resolver, isso só pode ser resolvido pelo sistema educacional.

Ainda tem a longa estrada a ser percorrida para o aluno desenvolver suas potencialidades da interatividade e afetividade que mesmo no seu âmbito familiar não acarreta demonstrativos que as diferentes estratégias feitas pelas professoras traz um resultado eficaz para o processo ensino aprendizagem.

É preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje. É exatamente esta permanência do hoje neoliberal que a ideologia contida no discurso da “morte da História” propõe. Permanência do hoje a que o futuro desproblematizado se reduz. Daí o caráter desesperançoso, fatalista, antiutópico de uma tal ideologia em que se forja uma educação friamente tecnicista e se requer um educador exímio na tarefa de acomodação ao mundo e não na de sua transformação. Um educador com muito pouco de formador, com muito mais de treinador, de transferidor de saberes, de exercitador de destrezas. FREIRE, 1996).

Por fim, Todos Pela Educação (2020) pesquisas já mostram que o envolvimento das famílias na Educação das crianças e dos jovens é fundamental para seu desempenho escolar. Questões como ter altas expectativas sobre a aprendizagem, se comunicar com frequência a respeito das atividades pedagógicas e incentivar hábitos de estudo e leitura são alguns dos principais elementos indicados pela literatura. Sem dúvida, tais hábitos devem ser ainda mais estimulados pela política pública diante do quadro atual, aproveitando que os alunos estão em contato direto e frequente com suas famílias.

CONCLUSÃO

Não esperávamos que a transformação digital na educação iria acontecer de maneira tão brusca, aprendemos a conhecer seu funcionamento e seus benefícios pela dor melhor dizendo pela necessidade.

Fora que a conectividade foi e é um problema que assola o contexto escolar se nem as escolas o Ministério da Educação conseguiu instalar e fazer com que tenha acesso à internet. Os prejuízos na aprendizagem e o aumento no abandono escolar vão ser enormes, ainda tem que o nosso país tem um organização de ensino muito desigual, e esses danos negativos vão ser sentidos principalmente pela classe menos favorecida.

Além das variáveis desigualdades das famílias elas estão tendo que se reinventar de todas as formas, pois as condições de trabalho e administrar seus horários vão dificultando ainda mais a educação dos filhos.

A adaptação ainda acontece e como validar estas aulas é ainda a questão que está sendo discutida, tudo dependerá no final de uma avaliação não pra reprovar, e sim para ver o aprendizado e sanar as dificuldades obtidas durante o tempo em distanciamento. De nada resultará esse esforço que estamos fazendo para a EAD seja a solução se as ferramentas escolhidas não derem o respaldo necessário para que as crianças precisam chegar ao aprendizado essencial.

Antes sempre faltou investimentos na formação de professores em todos os âmbitos tanto acadêmico como econômico por parte das políticas públicas e muito menos para lidar com uma situação como esta. Na verdade, agora ninguém estava e está preparado para utilizar tanto as ferramentas mais acessíveis como principalmente as demais.

As políticas públicas não estão nem um pouco interessadas no investimentos e sim tentando afetar também o FUNDEB sem antes investir em tecnologias ou sanar o primordial na educação.

Este é o momento que as famílias e a escola deve-se unir e esforçar o máximo para uma comunicação aberta de cooperação e interação. Fazer um planejamento educacional voltado para as necessidades do aluno considerando seu nível de maturidade, desenvolvimento cognitivo e por fim usando de maneira correta as ferramentas tecnológicas de modo que a equidade ao um aprendizado seja satisfatório.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, M. Manuel Castells: "um país educado com internet progride; um país sem educação usa a internet para fazer estupidez". *Diário Catarinense*, 30 maio 2015. Disponível em: diario-catarinense.clicrbs.com.br/sc/variedades/noticia/2015/05/manuel-castells-um-pais-educado-com-internet-progride-um-pais-sem-educacao-usa-a-internet-para-fazerestupidez-4762171.html. Acesso em julho/2020.

Infância e tecnologia em tempos de pandemia. Alana.org.br, São Paulo, 23 de abril de 2020. Disponível em: <https://alana.org.br/infancia-e-tecnologia-em-tempos-de-pandemia/#comment-268>. Acesso em: 31 Julho 2020.

Educação na pandemia: ensino a distância dá importante solução emergencial, mas resposta à altura exige plano para volta às aulas. Todos pela educação, São Paulo, SP, 09 de maio de 2020. Disponível em: https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/Educacao-na-pandemia-Ensino-a-distancia-da-importante-solucao-emergencial_-mas-resposta-a-altura-exige-plano-para-volta-as-aulas. Acesso em: 10 Julho 2020.

ENSINO A DISTÂNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA FRENTE À PANDEMIA DA COVID-19. Todos Pela Educação, São Paulo, SP, Abril 2020. Disponível em: https://www.todospelaeducacao.org.br/uploads/_posts/425.pdf. Acesso em: 20 Julho 2020.

FABRIS, Terezinha; Pozzobon, Marta Cristina Cezar. Os desafios da docência em tempos de pandemia de covid-19: um “soco” na formação de professores. *Revista Educar Mais*, Volume 4, No. 02. Pelotas, RS, 2020. Disponível em: <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/1803/1473>. Acesso em: 30 Julho 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1996.

KRUPPA, Sonia M. P *et al.* **Educação na Pandemia.** São Paulo, 2020. Revista da USP, 2020. Disponível em: <http://www4.fe.usp.br/wp-content/uploads/educacao-na-pandemia.pdf>. Acesso em 15 Julho 2020.

MACHADO, Dinamara Pereira. **Educação em tempos de COVID-19: Reflexões e narrativas de pais e professores.** Editora Dialética e Realidade, Curitiba, PR, 2020.

MACHADO, Patricia Lopes Pimenta. **Educação em tempos de pandemia: O ensinar através de tecnologias e mídias digitais.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 06, Vol. 08, pp. 58-68. Junho de 2020. Disponível em: ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/tempos-de-pandemia>. Acesso em: 20 Julho 2020.

MANDELLI, Mariana. **Celular na educação: os desafios da pandemia.** São Paulo. Instituto Palavra Aberta. 2020. Disponível: <https://educamidia.org.br/celular-na-educacao-os-desafios-da-pandemia/> Acesso em: 27 Julho 2020.

OLIVEIRA, Vinicícus de. **Desigualdade demanda esforço do professor para atender a todos a distância.** PORVIR.ORG. São Paulo, 24 de abril de 2020. Disponível em: <https://porvir.org/desigualdade-demanda-esforco-do-professor-para-atender-a-todos-a-distancia/>. Acesso em: 25 Julho 2020.

PALÁCIO, Marcos. **Desafios da docência em tempos de covid-19.** Votuporanga-SP. Editora Fatec. Maio/2020.

Planejamento, conectividade e tecnologia: quais são os principais desafios da educação em tempos de pandemia. Gife.org.br, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://gife.org.br/planejamento-conectividade-e-tecnologia-quais-sao-os-principais-desafios-da-educacao-em-tempos-de-pandemia/>.

PÉCORA, Luísa. **Desigualdades sociais e culturais impactam jovens na internet, diz pesquisa.** PORVIR.ORG. São Paulo, 03 de Julho de 2020. Disponível em: <https://porvir.org/desigualdades-sociais-e-culturais-impactam-jovens-na-internet-diz-pesquisa/>. Acesso em: 22 Julho 2020.

SCHNEIDER, Elton. Alice Braun. **Educação em tempos de COVID-19: Reflexões e narrativas de pais e professores.** Editora Dialética e Realidade, Curitiba, PR, 2020.

VIEIRA, Letícia; RICCI, Maíke C.C. **A educação em tempos de pandemia: soluções emergências pelo mundo.** OEMESC, Santa Catarina, abril de 2020. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/udesc/id_cpmenu/7432/EDITORIAL_DE_ABRIL___Let_cia_Vieira_e_Maíke_Ricci_final_15882101662453_7432.pdf Acesso em: 15 Julho 2020.

Enviado em: 12/10/2020.

Aceito em: 11/12/2020.